

Platão e Nietzsche: A Grande Inversão

Ronaldo Barcellos^{a,*}

^aDepartamento de Filosofia, Uniarsa, São José, SP, Brasil;

Palavras chave: filosofia, nietzsche, platão

Abstract

Comparação entre as visões de Platão e Nietzsche em relação aos ideais e o mundo real, e a forma como a filosofia de Nietzsche, em especial na obra *Crepúsculo dos Ídolos* (1888), propôs uma abordagem totalmente diferente, não idealizada do mundo real.

1. Platão e Nietzsche: A Grande Inversão

Por que o filósofo que mais admirava os gregos antigos dedicou boa parte da vida a demolir o maior deles?

Em 1888, já às portas da loucura, Friedrich Nietzsche escreveu uma frase lapidar: “Platão foi o maior inimigo que a Europa produziu até hoje”. A acusação soa brutal, mas não é capricho. Nietzsche não estava simplesmente criticando um pensador antigo; estava executando um golpe de judô filosófico contra toda a tradição ocidental. E o alvo principal era o fundador dessa tradição: Platão.

O contraste é tão perfeito que parece encenado. Platão olha para cima e vê o mundo das Formas — eternas, perfeitas, luminosas. Nietzsche olha para baixo e vê o corpo, o instinto, a terra. Platão acredita que a verdade está “lá em cima”, fora do tempo e do espaço. Nietzsche responde que a única verdade é o devir, o fluxo, a dança do aqui e agora. Um constrói a República dos filósofos-reis; o outro anuncia o Übermensch que dança sobre as ruínas dessa mesma República.

2. O mundo duplicado

Platão inventou o que Nietzsche chamou de “o mundo verdadeiro”. No mito da caverna, os prisioneiros veem apenas sombras. A realidade verdadeira está do lado de fora, no sol das Ideias. A vida sensível é cópia imperfeita, prisão, ilusão. O filósofo é aquele que rompe as correntes e sobe.

Nietzsche pega essa metáfora e a vira do avesso. Em *Crepúsculo dos Ídolos* (1888), ele escreve a história em seis atos: “Como o ‘mundo verdadeiro’ acabou virando fábula”. O primeiro ato é Platão: o mundo verdadeiro é alcançável para o sábio. O último ato é Nietzsche: o mundo verdadeiro foi abolido. Resta apenas o mundo aparente — que, para ele, é o único que existe. “O ‘mundo verdadeiro’ — uma ideia que não serve mais para nada, nem mesmo para refutar”.

O que era salvação para Platão (a fuga para o eterno) torna-se, para Nietzsche, a doença original da cultura ocidental: o ódio ao devir, ao corpo, ao tempo. O cristianismo, diz ele, é “platonismo para o povo”. A mesma estrutura dualista — céu e terra, alma e corpo, bem e mal — só que agora popularizada e moralizada. Platão deu a forma; São Paulo popularizou o conteúdo.

3. Do logos ao caos dionisíaco

Há ainda outra camada, mais sutil e mais dolorosa. Platão era um artista disfarçado de filósofo. Seus diálogos são obras de arte literária. Nietzsche, o estilista mais feroz da língua alemã, reconhecia o talento do adversário. Em *O Nascimento da Tragédia* (1872), ele ainda via em Platão uma certa nobreza apolínea: a forma, a medida, a luz. Mas logo percebeu que essa luz era repressora. Apolo, deus da forma, havia sufocado Dionísio, deus do êxtase e da dissolução.

Nietzsche inverteu a receita grega. Enquanto Platão queria expulsar os poetas da cidade (porque a arte imita o imitável e nos afasta da verdade), Nietzsche queria que a filosofia se tornasse arte novamente. Não mais busca da verdade eterna, mas criação de valores. O filósofo deixa de ser espectador do Ser e torna-se legislador do devir.

4. Semelhanças que doem

Curiosamente, os dois têm mais em comum do que gostariam de admitir. Ambos são aristocratas do espírito. Ambos desprezam a democracia ateniense (Platão a viu destruir Sócrates; Nietzsche a viu destruir a cultura). Ambos acreditam que a maioria não suporta a verdade nua. Platão a esconde atrás de mitos e diálogos; Nietzsche a esconde atrás de aforismos e máscaras.

Os dois também são obcecados pela educação. Platão escreve *A República* como um manual de formação de elites. Nietzsche escreve *Assim Falou Zaratustra* como um evangelho para criar uma nova elite — não de guardiões, mas de criadores. Um quer formar o homem para o Bem; o outro, para a potência.

5. O veredicto final

Nietzsche não “refutou” Platão no sentido acadêmico. Ele fez algo mais radical: tornou Platão historicamente necessário e, ao mesmo tempo, obsoleto. Platão foi o primeiro grande “sim” à vida negada. Nietzsche quis ser o primeiro grande “sim” à vida afirmada.

Por isso a relação entre eles não é de oposição simples, mas de dependência trágica. Sem Platão, Nietzsche não teria contra o que se rebelar. Sem Nietzsche, Platão permaneceria o pensador intocável que a tradição nos legou. Juntos, eles formam o díptico mais explosivo da filosofia ocidental: o idealista que construiu o céu e o anti-idealista que o derrubou para que pudéssemos finalmente dançar na terra.

E talvez seja essa a lição mais atual do confronto. Num mundo que ainda oscila entre fundamentalismos (novas formas de “mundo verdadeiro”) e niilismo preguiçoso, Platão e Nietzsche continuam nos obrigando a escolher: ou fugimos para o eterno ou aprendemos a amar o efêmero. Não há terceira via. Ou, como diria o próprio Nietzsche, citando o seu adversário preferido: “Tudo o que é profundo ama a máscara”. Inclusive a máscara de Platão.

6. Trabalhos futuros

Fazer um paralelo com as visões aristotélicas sobre os mesmos assuntos, para poder correlacionar as ideais de Nietzsche e contribuir para o debate de se Nietzsche seria um filósofo nearistotélico, ou apenas um crítico de Platão.

Materiais suplementares

Podem ser encontrados no site do departamento de Filosofia da Uniarsa:
<https://filosofia.uniarsa.edu>

References

1. Led J, Arch K Antiplato, the philosophy of Nietzsche **2004**, *681*, 2202–209, doi:10.1014216/j.indmarman.2017.11.014.
2. Sanada, D.A. Hachiagtsu Noeoi Nietzsche isamo no guro, 2001, No Philo Gare 2994, 11